

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**Faculdade de Educação**

**Corpos sobreviventes: o herói e o vilão burguês na obra “A  
Queda de Murdock”.**

**Daniel Zancha**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda.

Campinas, 2005

## **Resumo**

Esta dissertação passeará por discussões do corpo sobrevivente. Especificamente pelos corpos do herói e vilão na obra de história em quadrinhos “A queda de Murdock”. Corpos habilidosos, de virtudes e vícios, construídos no limite das forças. Como inquietação pretendo dialogar sobre estes corpos inseridos na sociedade burguesa, na cidade, educados em estética e política por ideologias. Encontrar fragmentos e permanências no tempo destes corpos ocidentais urbanos, e ao me deparar com sinais nestes corpos, tentar entender o corpo no limiar, a beleza e os valores que despertam aos olhos de quem os espreita.

## **Abstract**

This thesis walks around discussions of the survival body. More specifically over the hero's and villain's bodies in the comic book “Born Again”. Skillful bodies, of virtues and addictions, built on the borders of strength. As for questioning, I intend to discuss over these bodies inserted in the burgher society, in the city, educated in aesthetics and politics by ideologies. To find fragments and permanence in the time of this western urban bodies, and by facing signals in such bodies, to try to understand the body in its margins, the beauty and values which arise before the eyes of those who watch them.

**Dedicatória:**  
*a Ele, pela criação, resgate e consolação.*

## Agradecimentos

Esta dissertação se constrói na relação dialética de desejos entre eu e a obra "A Queda de Murdock", escrita por Frank Miller e desenhada por David Mazzucchelli; história narrada em arte seqüencial, contada em quadrinhos impressos no papel.

Algumas histórias se fixam à memória mais do que outras e esse acontecimento é uma "escolha" em dupla via. Captura de olhares que por algum motivo fazem da obra e do leitor, confidentes. Sedução permitida e desejada que acompanha-me em imagens.

Se ritos de passagem ainda existem, a leitura desta história foi a ruptura particular em minha sensação de "invulnerabilidade" juvenil. Talvez esta tenha sido a história que meu ritual pedia. História de um guerreiro urbano... sobrevivente.

Reminiscências se dão na ação da memória, e graças a ela, que comanda a virtude da gratidão, escrevo no desejo de partilha.

Gratidão ao meu pai, João Luiz Zancha, a minha mãe Albertina G. Zancha (*in memorian*), e avó, Alice Treft Zancha, por serem pilares.

Gratidão ao Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda, por mostrar caminhos.

Gratidão a Daniela Cristina Gomes de Proença, por ser namorada e companheira constante.

Gratidão a Ignez Gurgel do Amaral, pela fiel amizade.

Gratidão a Luciane Bombach, pelo grande auxílio na formatação deste trabalho.

Gratidão a Gabriela Coppola, Priscilla Figueiredo, Gabriela Rigotti, Tomas Gunner Sniker e Ricardo José Gomes, pelas conversas.

Gratidão a Miller e Mazzucchelli que me apresentaram a saga do herói cego da Cozinha do Inferno.

Gratidão aos meus parceiros involuntários de escrita, a todos aqueles de quem tomei emprestado as citações utilizadas nesta dissertação. A eles, minha felicidade por suas palavras que muitas vezes deram voz ao que eu quisera dizer.

Por último, minha gratidão a Matt Murdock, que me permitiu pensar o sobrevivente a partir dele.

## Índice

Prelúdio.....	1
Introdução.....	4
A Cidade de Matt.....	6
Os Sentidos da Sobrevivência .....	11
O quão sacro pode ser um herói mundano?.....	20
A Catedral de Miller .....	23
De Heróis de Cavalaria.....	28
A Vilania do Gigante .....	31
As Faces da Justiça .....	34
Bibliografia.....	39
Filmografia .....	41

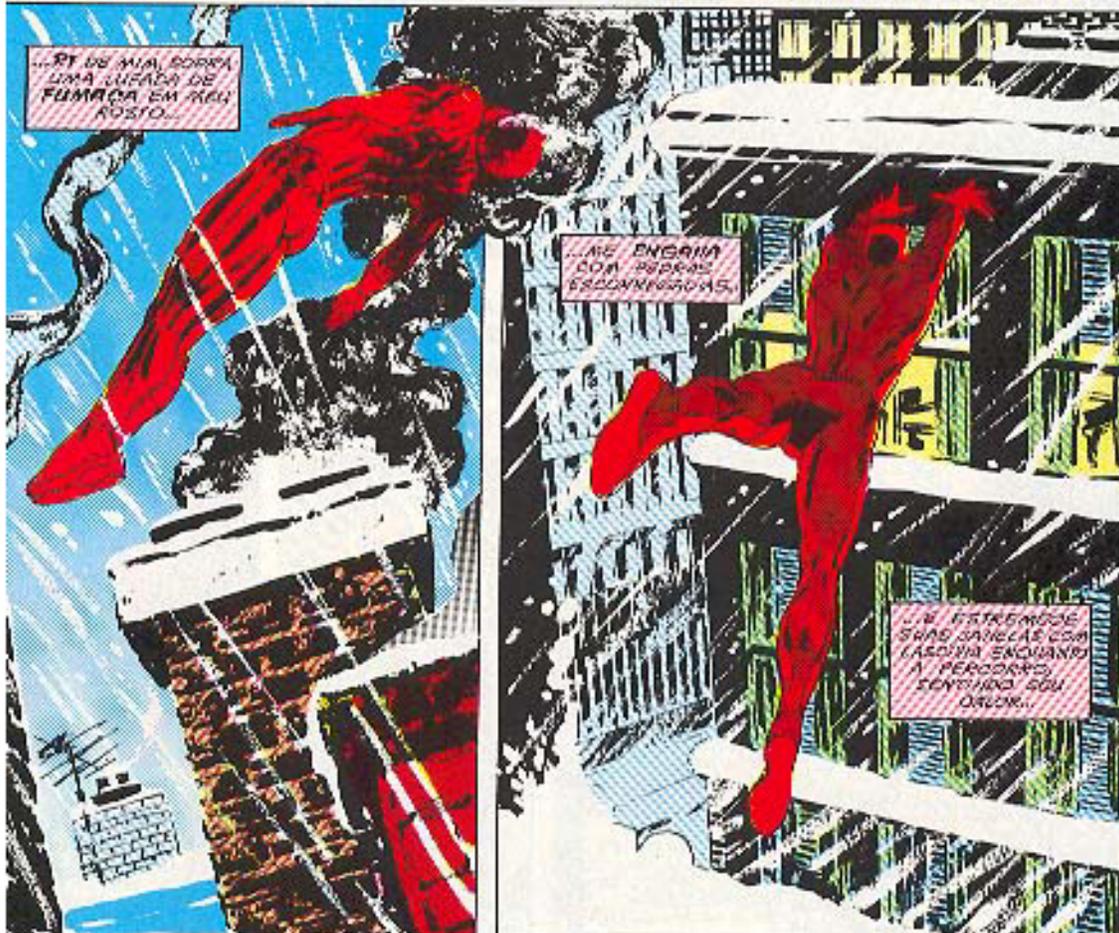




A NOITE ME SALTAR  
COM PATADAS DE  
VENTO E UM  
ROSNADO FURIOSO!



SHAMBE PODEROSA E  
ROCA MINHAS PERNAS  
COM MILHARES DE  
PEDOS TENSUAIS...



...RT DE MINHA BARRA,  
UMA LUGAR DE  
FUMACA EM MEU  
ROSTO...

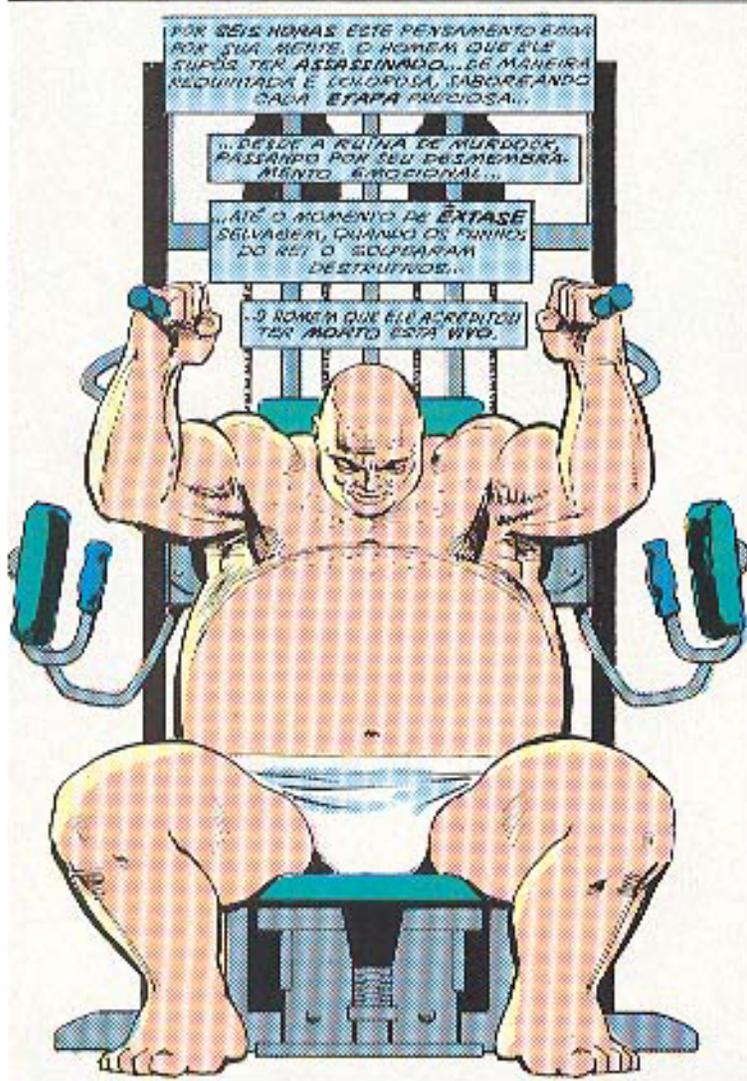
...ME ENCRINA  
COM PEDRAS  
ESCONDIDAS...

...A ESTREMOSE  
SUA BARCEL COM  
LADINIA ENQUANTO  
A PERCORRE,  
SENTINDO SUA  
DOR...





NÃO NA CADAVER.



POR SEIS HORAS ESTE PENSAMENTO RAMA POR SUA MENTE, O HOMEM QUE ELE SUPÔS TER ASSASSINADO... DE MANEIRA REQUINTADA E ELEGANTE, SABOREANDO CADA ETAPA PRECIOSA...

... DESDE A RUÍNA DE MURDOCK, PASSANDO POR SEU DESMEMBRAMENTO BRONCIAL...

... ATÉ O MOMENTO DE ÊXTASE SELVAGEM, QUANDO OS FINADOS DO REI O SOPELARAM DESTRUTIVOS...

... O NOME QUE ELE ACREDEITOU TER MORTO ESTA NOITE.



SEIS HORAS, DESPENHIDAS SUANDO E ESPONGANDO-SO PARA SUPERAR OS LIMITES DE SUA PRÓPRIA FORÇA INDIANA.

NÃO NA CADAVER.

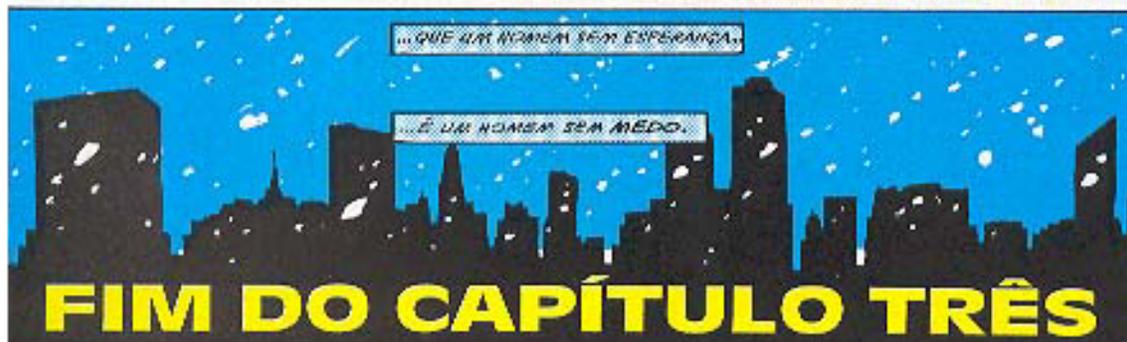
O QUE HÁ DE ESPECIAL EM MURDOCK? ELE ERA UMA PREOCUPAÇÃO MENOR... UM TALENTO PROMISSOR A SE OBSERVAR, CATALOGAR, EVENTUALMENTE ESMAGAR...

... E TALVEZ, UM DIA, SER GOBIERNO PELO REI...

... MAS AGORA ELE É MAIS DO QUE ISSO. MUITO MAIS.

SEMPRE FOI.

E AGORA EU... MOSTREI A ELE...

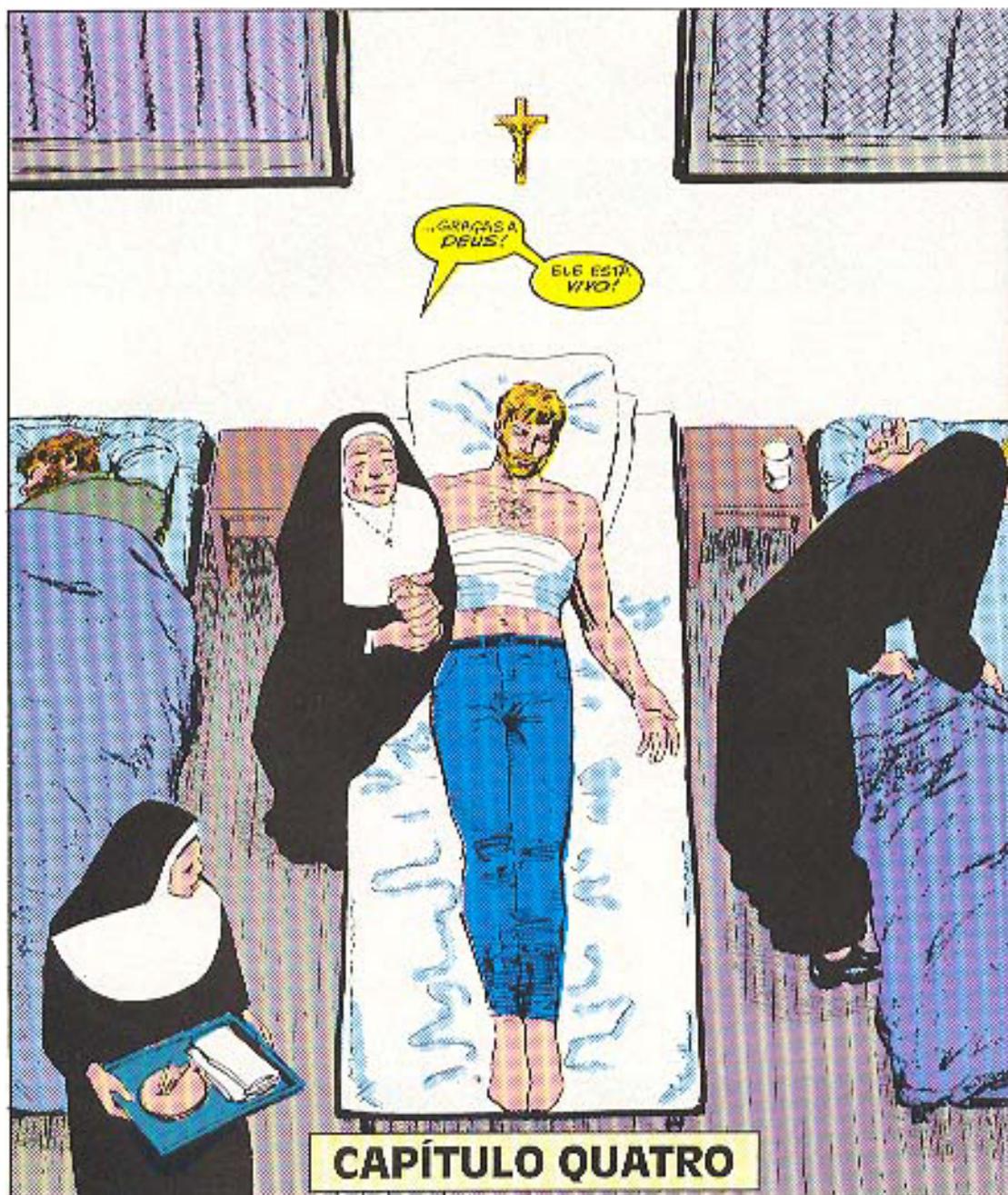


... QUE UMA NOITE SEM ESPERANÇA.

... É UM NOME SEM MEDO.

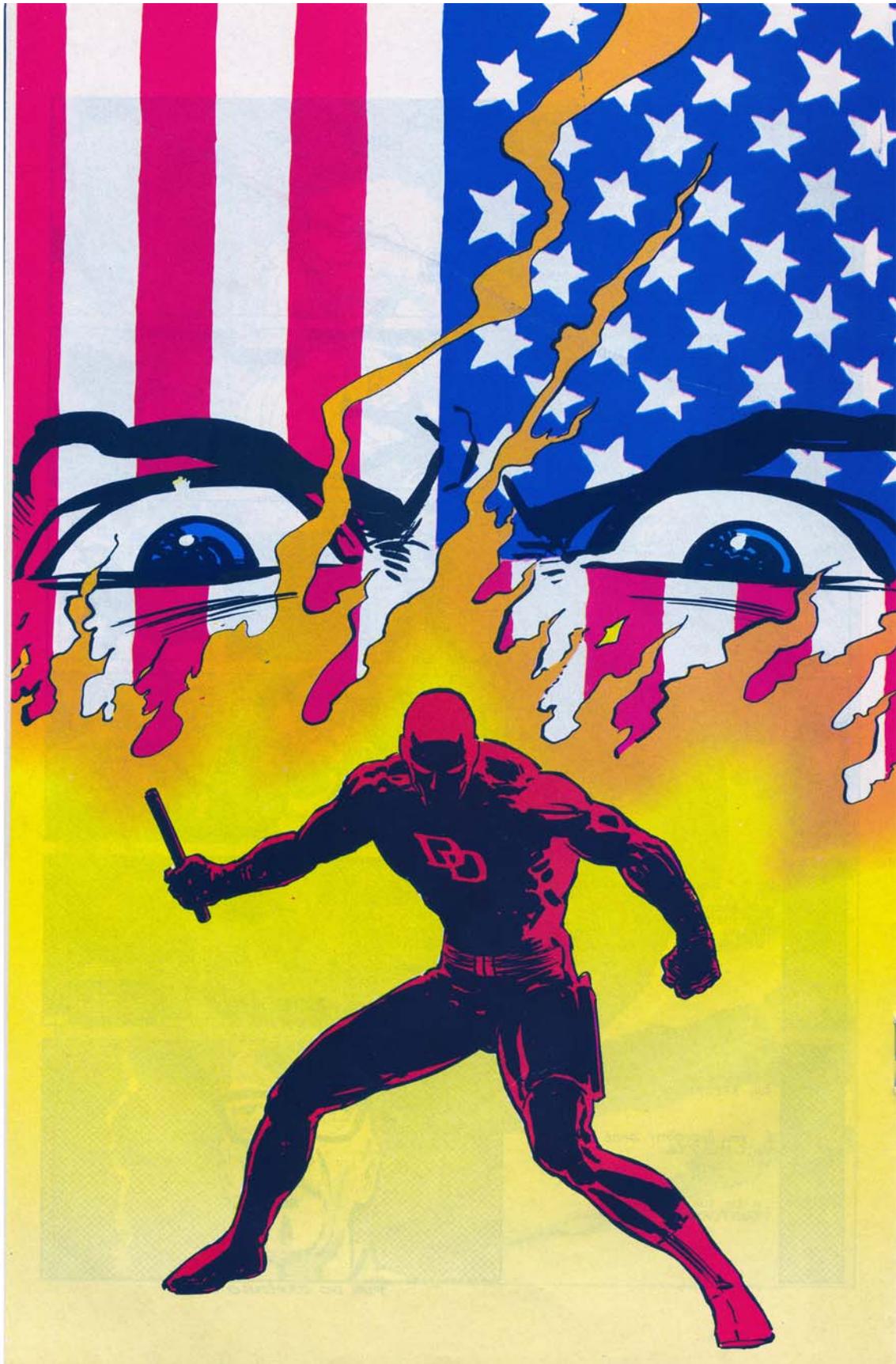
# FIM DO CAPÍTULO TRÊS

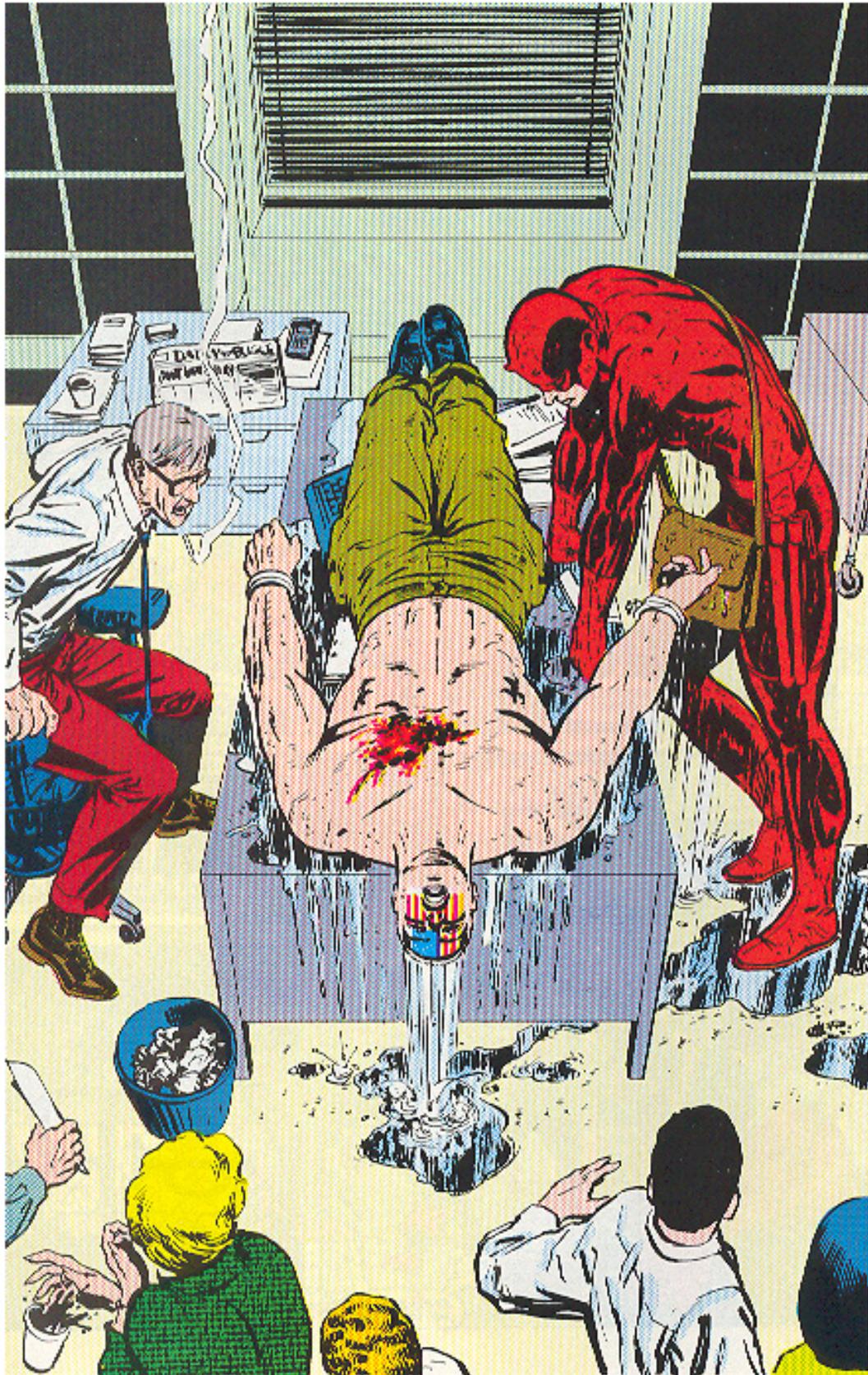




# RENASCIDO

por FRANK MILLER e DAVID MAZZUCHELLI





## Prelúdio

Um dia, duas moças que moravam com seu pai à beira de um rio viram na água uma bonita e minúscula cobra e tentaram, então, apanhá-la. A cobra escapava-lhes sempre, até que, a pedido delas, o pai teceu uma rede de malhas bem finas. Nela, capturaram o animalzinho e o trouxeram para casa. Puseram-no num pequeno vaso com água e ofereceram-lhe todo tipo de comida, mas ele rejeitava tudo. Somente quando, num sonho, o pai teve a idéia de alimentar a cobra com um amido especial é que ela começou a comer direito. Ficou gorda como um fio; depois, como a ponta de um dedo, e as moças colocaram-na então num vaso maior. O animal seguiu comendo o amido e ficou gordo feito um braço. (...) Logo estava grande feito uma árvore caída na água. Começou, então, a vir até a beira do lago e a devorar veados e outros animais, mas, ao chamado sedutor, vinha sempre deglutir a gigantesca quantidade de amido que as irmãs lhe preparavam. A cobra fez, então, uma cova sob aldeias e tribos e começou a devorar os antepassados dos homens, os primeiros habitantes do mundo. "Querida, venha comer", chamaram as moças certa vez, ao que a cobra surgiu, pegou o recipiente com o amido que uma das irmãs sustentava no braço e que se erguia até sua cabeça, engoliu a moça e a levou consigo.

A outra irmã foi chorando contar ao pai, que decidiu vingar-se. Ele lambeu o tabaco, como se costuma fazer entre essa gente quando se decide matar uma criatura, embriagou-se e, em sonho, ocorreu-lhe um meio de vingar-se. Preparou amido para dar de comer à cobra, chamou-a -- a ela, que tinha devorado sua filha -- e disse-lhe: "Engula-me!". Estava disposto a suportar tudo e, a fim de matá-la, bebeu do recipiente de tabaco que trazia pendurado no pescoço. Ao seu chamado, a cobra apareceu e apanhou o recipiente com amido que ele lhe estendia. O pai saltou-lhe, então, goela adentro e ali se sentou. "Eu o matei", pensou a cobra, arrastando-o consigo para longe.

Em seguida devorou uma tribo inteira, e os homens apodreceram sobre o corpo do pai. Depois, pôs-se a engolir uma outra tribo, que apodreceu também sobre seu corpo. Sentado ali, o pai tinha de suportar o fedor dos homens decompondo-se. A cobra devorou todas as tribos ao longo do rio, aniquilando-as, de modo que não sobrou uma única sequer. O pai trouxera uma concha de casa, a fim de, com ela, abrir a barriga da cobra, mas cortou-

a e abriu-a só um pouquinho, ao que a cobra sentiu dores. Devorou, então, as tribos à beira de um outro rio. Os homens tinham medo e, em vez de sair para as plantações, ficavam sempre em casa. Nem sequer era possível andar pela redondeza, pois a cova da cobra ficava no meio do caminho; quando alguém voltava do campo, ela o apanhava e o levava consigo. As pessoas choravam e tinham medo que a cobra devorasse alguém, razão pela qual não saíam mais de casa. Só de sair da rede temiam já que a cobra tivesse ali a sua cova, apanhando-as e as arrastando consigo.

Sobre o corpo do pai, os homens fediam e decompunham-se. Ele bebeu do suco de tabaco do recipiente e fez cortes no meio do ventre da cobra, causando-lhe fortes dores. "O que há comigo? Engoli Deihoma, o "cortador", e sinto dores", disse ela, e soltou um grito.

Foi-se, então, para uma outra tribo, ergueu-se da terra e apanhou a todos. As pessoas não podiam ir a parte alguma, e não se aproximavam do rio. Se iam buscar água no porto, a cobra as agarrava e arrastava consigo. Já ao pisarem no chão pela manhã, a cobra as apanhava e levava embora. O pai abria a barriga da cobra com a concha e ela gritava: "Como posso estar sentindo dores? Engoli Deihoma, o cortador, e é por isso que me dói".

Então, os espíritos protetores advertiram-no: "Deihoma, este não é ainda o porto do rio onde moras; sê cuidadoso com teus cortes. Teu porto está ainda bem distante daqui". E, ao ouvir essas palavras, o pai parou com seus cortes. A cobra, por sua vez, voltou a alimentar-se dos povos que já tinha devorado anteriormente, e os apanhou de imediato. "Ela ainda não acabou! Que será de nós? Ela acabou com a nossa gente", diziam os habitantes das aldeias, que emagreciam cada vez mais, pois o que haveriam de comer?

Os homens pereciam e apodreciam sobre o corpo de Deihoma. Enquanto isso, ele seguia bebendo de seu tabaco e cortando o ventre da cobra, sempre sentado em seu interior. Desde tempos imemoriais o desafortunado não comia coisa alguma, bebendo apenas o suco do tabaco. Afinal, o que haveria de comer? Bebia o suco e permanecia quieto em seu lugar, a despeito do fedor da putrefação.

Não havia mais tribos; a cobra comera os corpos de todos os que viviam à beira do rio ao pé do céu, de modo que não restara mais ninguém. Seus espíritos protetores disseram então a Deihoma: "Deihoma, este é o porto do rio onde moras. Corta a cobra com força e, duas curvas à frente, estarás em casa". Deihoma pôs-se então a cortar. "Corta Deihoma,

corta com força!", exclamaram eles. No porto, Deihoma cortou o couro do ventre da cobra, rasgou-o e abriu-lhe o ventre, saltando para fora dela pela abertura.

Uma vez do lado de fora, ele sentou. Sua cabeça despelara-se inteira e ele estava careca. A cobra revolvía-se de um lado para o outro. Deihoma estava de volta, após longo período de infelicidade no interior da cobra. Lavou-se inteiro em seu porto, chegou a sua cabana e tornou a ver suas filhas que se alegraram com o retorno do pai.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Canetti, 1995, p.255-256. (Canetti conta essa história ao abordar o tema da luta entre heróis e monstros na crença dos povos primitivos)

## Introdução

Que herói gostaríamos de ser se fosse possível escolher?

Talvez não o herói repleto de humanidades; herói vulnerável que se corta e murmura agonizante. Provavelmente não o herói com aparência alienígena, anormal aos olhos de quem protege. Creio que nossa busca, dentro de um ideal masculino de herói, seria uma mescla de corpo esculturalmente clássico, pele lisa e músculos sobressalentes, de força sobre-humana, capaz de destruir paredes e ricochetear balas. A mortalidade dói e apresenta-nos à transitoriedade. É pela finitude de corpos mortais, quebradiços, inevitavelmente receptivos ao sofrimento, que esta dissertação irá passear. Agradável cobiça de invulnerabilidade que não se concretiza; nem em nossas vidas e sequer na obra "A Queda de Murdock" ("Born Again", no título original).

Em "A Queda de Murdock", veremos a saga de um herói cego que no início da trama têm sua identidade vendida pela ex-namorada drogada ao submundo do crime. A história de um herói que atesta valor na superação de sua fragilidade civil.

O herói Demolidor, cuja identidade civil é Matt Murdock, é o protagonista desta saga e será, em certa medida, o protagonista desta dissertação. Foi em seu corpo de herói que, encontrando as marcas da superação, descobri o sobrevivente que almejava em inquietação. Busco exatamente o corpo frágil, de limitações humanas, que age no limite dos limites. Um acrobata humano, corpo flexível, forte e mortal. Corpo de Matt Murdock evidenciado na arte seqüencial dos quadrinhos. Corpo humano em superação; fantástico, eternamente jovem enquanto quiserem os editores do personagem. Semelhante ao meu corpo quando o problema do sofrimento o abate. Corpo em que posso tentar a proximidade, sentir sua fragrância, embora nunca o alcance plenamente. Corpo da persistência, do sobrevivente. Ulisses ao invés de Hércules, e por isso mesmo mais grandioso ao vencer batalhas. Limites são importantes, pois configuram nossa moral, e Matt porta, quase sempre, o corpo da virtude e vitalidade. O que veremos pois a partir do trânsito deste corpo? Veremos a cidade de Matt, com suas construções metropolitanas, mendigos enrolados em jornais, cidadãos paranoicamente solitários, cidade do descaso, do medo, da estupidez; e ao levantarmos nossas cabeças ao cume das torres, a silhueta de Matt passará aos nossos olhos, pulando de arranha-céus, equilibrando-se na escuridão noturna. Desafia a

gravidade nas alturas, mas também é frágil, quebradiço. De um lado o herói "santo"-guerreiro, reminiscências da mitologia católica medieval que encontraremos no decorrer desta dissertação; herói de cavalaria atavicamente entranhado em Matt. Do outro, o vilão, o gigante, monstruosidade moral e física. Ambos, herói e vilão, personagens vivos em papel e tinta na catedral de Miller, recinto burguês das "virtudes cardeais" norte-americanas, aonde notaremos um pequeno confessorário de Miller, que ora é padre, ora confessor. Culpa e justificativas em defesa de um sonho nacionalista. Por fim, veremos o mundo cego de Matt. Universo de sensações do herói que galanteia a cega justiça. Esta é a história que desejei a Matt. A minha história. Ou antes, é a história que Matt me entrega e, ao me contar sua aventura, vejo através de seus olhos cegos as virtudes de um sobrevivente.

## A Cidade de Matt

"O momento do sobreviver é o momento do poder" <sup>2</sup> dizia Canetti; essa é a história de Matt, o Demolidor, em "A Queda de Murdock". História de sobrevivências, sobreviventes, sentidos que se coadunam nos personagens da saga, coadjuvantes ou não, pois todos sobrevivem à realidade inóspita da cidade, ou, dos nossos tempos.

Cárcere individual é a cidade de "A Queda", pois aprisiona toda pulsação convulsiva dos que apresentam a condição febril de ser sobrevivente. Se concordarmos com Benjamin, para o qual, "viver na modernidade demanda uma constituição heróica"<sup>3</sup>, poderemos ver um palco de heróis na cidade. Primeiro, vamos ao herói declarado da história.

Matt nasceu na Cozinha do Inferno, bairro pobre da cidade de Nova York, lápide dos miseráveis metropolitanos. A anatomia de pedra do local é feita de cortiços, casas velhas, prédios antigos, monumentos cívicos pichados... e foi aí que Matt educou o seu corpo. Em pedras acumuladas, prenes de memória, escreveu a sua história de herói. Nas construções da Cozinha do Inferno, Matt nasceu e foi crescendo. Sem mãe, da qual não sabe o paradeiro e quem é, ele sobreviveu ao rigor da escola na qual era maltratado pelos demais colegas de condição suburbana. No acidente que lhe usurpou a visão, Matt aprendeu a lidar com as novas limitações e a descobrir seus novos dons. Seu mestre cego Stick o ensina a ser herói, o doutrina nas artes de combate, em ritos de passagem nos quais só o herói logra êxito. Perde o pai, assassinado. Consegue entrar na universidade de Columbia e se formar em Direito. Pouco tempo depois assume a identidade heróica que o acompanha, Demolidor. Enquanto civil, era sobrevivente da cidade, como herói, tornou-se sobrevivente do crime organizado, das lutas corpo a corpo, do confronto com o Mal. Pode-se dizer que Matt é sobrevivente no próprio mercado de HQs (histórias em quadrinhos) pois antes de Miller assumir as rédeas do título, o herói estava para ser extinto do mercado editorial, devido a baixa vendagem. Por quantos roteiristas e desenhistas este herói já sobreviveu?!

---

<sup>2</sup> Canetti, 1995, p. 227.

<sup>3</sup> Benjamin, 1989, p. 73.

Na saga "A Queda de Murdock" todos são sobreviventes. Todos, constituintes da alma da cidade.

Wilson Fisk, o Rei do Crime, é o senhor da cidade. O mal é dono da cidade, e a extensão dos seus tentáculos é tão grande quanto suas conquistas. Leiamos a descrição do narrador sobre inimigo:

"Ele é o senhor do crime. Reuniu as quadrilhas beligerantes da cidade, transformando-as em um exército... não, um negócio, tão eficiente e lucrativo que a economia da cidade depende de ladrões, estelionatários e assassinos a seu comando"<sup>4</sup>.

Já Matt, enquanto Demolidor, é símbolo de virtudes. Ginasta escarlate dos céus e edifícios de Nova York. Como civil, tensão de vícios e virtudes que se apresentam ao leitor no correr da saga.

Mas deixemos o herói e o vilão de lado, por enquanto. Estes irão duelar em outros momentos do texto. Gostaria antes que nos remetêssemos aos figurantes da história, aqueles que também são parte desta mesma alma urbana. Quem são eles? Mendigos, políticos, bêbados, prostitutas, comerciantes, engravatados... os figurantes da cidade de Matt. Cidade do medo do outro, do olhar que agride o corpo de quem é observado. Temor coerente e indesejado quando o outro se transforma na mão que pode extirpar a vida.

Veremos nesta cidade uma ex-namorada de Matt ser assaltada e ter o seu apartamento arrombado. Um pedinte cego furtado, um grupo de vândalos atacando os passageiros de um metrô. Um atropelamento com o motorista negando-se a prestar socorro ao acidentado. Cenas de roubo, espancamento, prostituição, corrupção, a indiferença dos cidadãos frente à violência com outrem; estupidez epidêmica que assola os amedrontados habitantes da cidade de Matt. Sutil linha em que vítimas e carrascos alternam os papéis na ética sobrevivencialista.

São mexilhões da urbe os figurantes da saga e sabem transparecer no trânsito compulsório dos quadros a estética do sobrevivente: vive-se melhor quando poucos ainda

---

<sup>4</sup> Mazzucchelli & Miller, 1999, p. 34.

vivem. Vidas pautadas em estratégias de sobrevivência. Dentre as estratégias, o pacto principal, o da não-interpelação de estranhos. O silêncio entre desconhecidos, trégua frente os inimigos em potencial que podem vir para "roubar, matar e destruir" <sup>5</sup>. A HQ é a realidade ficcionada se apropriando da realidade em ficção. O muro, a porta, a grade... são os limites das cidades. Barreiras na castidade do EU sobrevivente.

A cidade de Matt talvez nos lembre as nossas, pelo menos no tráfego caótico dos corpos descompromissados de afeto. O que a distancia das nossas são as imagens fantásticas de um mundo de seres voadores e homens saltando sobre edifícios. Imagens que nos invadem e cativam no desejo elástico de presenciar cenas e seres espetaculares em um universo mágico.

Adentrando nesta cidade poderemos entender um pouco mais sobre os personagens, pois a geografia política e espacial do local erigiu o panteão psicológico dos participantes da saga. Talvez nos identifiquemos com algum deles, ou até mesmo mais de um. Uma sedução que nos faz entender também quem são os personagens transitórios que não proferem palavras, mas que estão cravados nos signos da cidade de Matt: Os "cidadãos comuns", ou antes, aqueles que não tem história dentro da história.

Retornando aos signos da cidade, aonde se encontram? Nos compostos inanimados, tijolos, arames, látex, vidro, aço... em amálgama, formam as veias da cidade, sua pele, diafragma. Matéria pulsante que respira os ventos que invadem suas frestas, que acolhe a umidade oxidando seus metais. Vida silente brotando da ação visível do tempo e elementos de uma natureza. "Mesmo uma cidade totalmente vazia é uma cidade com vida. Abandonada e em contemplação do seu próprio desgaste."<sup>6</sup> E quando entra o humano, em sua explosão de penetrações nos vãos da cidade, construindo sobre escombros e espaços vazios, cidade e humanos formatam-se, beijam-se, transformando-se em materiais citadinos. Matéria túrgida como são de sangue os músculos dos alvanéis que ergueram suas torres apunhalando nuvens.

A vida pululante da cidade impressiona pela diversidade que gera humanidades. É tudo muito diferente. Mas uma noção geralmente comum, a do sobrevivente. Sobrevivência que pode ser tanto do guerreiro quanto do pacificador. Do forte como do fraco.

---

<sup>5</sup> Bíblia de Estudo de Genebra, 1999, p. 1.248 (João 10:10)

<sup>6</sup> Almeida, 1999, p. 159.

Sobrevivências que se expandem em sentidos e possibilidades, pois a defesa da vida é possível de várias maneiras.

Na cidade de Matt, e talvez nas nossas, o "cidadão comum" se liga ao herói e vilão neste destino compartilhado. Não que os perigos sejam os mesmos; embora alguns até considerem, como Broyard, dizendo que somos hoje "heróis do mínimo, heróis da sobrevivência" <sup>7</sup>. Creio que isso é diminuir o heroísmo, pelo menos no seu sentido mais usual ou tradicional, daquele que sacrifica a própria vida pelo outro ou por um ideal maior que si mesmo. Matt é esse herói humano, inserido na cultura do sobrevivencialismo, em que o indivíduo se sente feliz pelo simples fato de estar vivo. Sentido da existência reduzido ao viver pelo viver. Desespero existencial cujo maior "karma" dos viventes é caminhar na direção que lhes é imposta, por ser, aparentemente, a única direção. "A ironia consiste em que todos estão irremediavelmente solitários na multidão, mas essa constatação é tão apavorante, que todos preferem a consciência tácita de estarem condenados ao convívio da massa."<sup>8</sup>

Matt, ao contrário, se nega a esse pânico civil. Ele enfrenta o desastre, o medo, a incerteza. Nega-se ao papel de vítima. Suas ações mostram-no disposto à superação. Ele não se entrega. Mesmo quando tudo se perde, tudo lhe falta, "o lutador sobrevive" <sup>9</sup>. Portanto falamos aqui do sobrevivente que luta pela vitória, sem resignação ou sentimentos de vitimação, pois ele se coloca como agente de seu próprio destino.

No enfrentamento da morte, Matt dispõe-se à batalha; pois parafraseando Soljenitsin, "para se defender é preciso estar disposto a morrer"<sup>10</sup> ou utilizando Campbell, Matt "não seria herói se a morte lhe suscitasse algum terror; a primeira condição do heroísmo é a reconciliação com o túmulo"<sup>11</sup>.

Seu código de honra é alicerçado na moral virtuosa, que para muitos é auto-derrota e ingenuidade. Fica evidente, no entanto, que ele não faz as vezes do herói romântico para o qual tudo é possível. Ao pendular em acrobacias no concreto frio da cidade, ele conhece as vicissitudes do ofício. Sabe que sozinho não extirpará o mal. Matt é um, o Mal são muitos. As tenazes dos inimigos atacam por todas as partes. Mas, se não se consegue matar o

---

<sup>7</sup> Broyard Apud Lasch, 1990, p. 107.

<sup>8</sup> Sevcenko, 1985, p. 74.

<sup>9</sup> Mazzucchelli & Miller, 1999 p. 70.

<sup>10</sup> Soljenitsin Apud Lasch, 1990, p. 64.

<sup>11</sup> Campbell, 1949, p. 339.

monstro, pode-se pelo menos aprisioná-lo, transformando a cidade em um ambiente mais justo e suportável. A força de Matt se revela na fé volitiva da não rendição. Honra para fazer o que se acha certo. Honra de herói.

## Os Sentidos da Sobrevivência

*"Meu sangue ferve... jorra de um coração que bate tão forte como se quisesse saltar do peito... meu sangue esguicha por mangueiras potentes e se choca contra minha nuca. (...) Lixas arranham minha pele toda vez que me movo... não... lixas não... lençóis... lençóis engomados... eu estou numa cama... onde? E os odores... cheiros químicos desinfetantes. Hospital. É um hospital. A porta se abre rangendo sobre dobradiças estridentes. Pessoas entram e saem. Cheiram como se fossem banheiras de suor... fedem à comida... a molhos italianos e ovos semi-digeridos... me furam com agulhas longas e pontiagudas. Me entopem de drogas, mas não me tapeiam. Eu sei que estão cortando meu rosto. Eu posso sentir seus idiotas... será que não percebem que nada me impede de sentir?"<sup>12</sup>*

Matt é um herói cego, e diferente daqueles que perdem a visão, desenvolveu uma espécie de radar biológico, um outro sentido além dos quatro que lhe restam. Este radar é como um outro olhar, "visão mágica" que sem enxergar capta a disposição dos objetos, das pessoas, do mundo. Quanto aos seus demais sentidos, tornaram-se hipersensíveis, todos ampliados. Não se sabe o que exatamente o fez assim; se o líquido radioativo que escorreu aos olhos ou uma dádiva que o destinava a ser um dia, o herói cego da Cozinha do Inferno. Sabe-se, no entanto, que cego, lê os sinais do mundo com acuidade sobrenatural. Algo difícil de explicar porque é difícil entender. Como seria viver num mundo em que sons, texturas, aromas e sabores alcançam muito mais do que um olhar pode decifrar? O sentido que falta a Matt é exatamente aquele que nos faz conhecê-lo.

Matt pode notar o vento outonal quando este carrega consigo o perfume de ciprestes longínquos até às suas narinas. Em meio aos odores diversos da cidade, distingue cada um deles: o tabaco, carbono, loção pós-barba... e na mesma brisa que transporta cheiros urbanos, vem o som de motores furiosos em meio ao tráfego caótico; o chiado de um rádio mal sintonizado no carro de um taxista tagarela que a pouco tempo sofreu uma operação cardíaca. Os batimentos do motorista combinam-se poeticamente com tamborilar de dois

---

<sup>12</sup> Mazzucchelli & Miller, 1999, p.53.

artistas de rua a cinco quarteirões de distância. Isolando sons e odores, Matt viaja pelas vidas dos habitantes da urbe em seus ecos congestionados. Seres invisíveis à insensibilidade uns dos outros. Mas Matt é sensível e nota o gíngado das folhas que ao caírem no asfalto rolam delicadas, até serem interrompidas pela elevação da sarjeta. Árvores executam um feroz balé, antenas vergam ao som do uivo dos ventos; abaixo de uma destas árvores, um bando de jovens zomba de um velho jornalista, levantando rumores sobre sua potência viril. Enquanto escarnecem do ancião, um maltratado pedinte passa por eles emitindo pelos poros o fedor de uma mistura etélica insuportável.

Os corpos se cruzam na cidade temendo a interpelação. Respirações ofegantes, apressadas, o estalar de articulações... a pulsação da cidade acompanha o ritmo dos pedestres, o delicioso som da aderência de solas de sapato no chão, e Matt os captura; este é o seu dom. Sentir o mundo como ninguém mais pode sentir. Perseguir os rastros dos corpos, vestígios de ação sem imagens. E diante dos grunhidos e rosnados no coração da cidade, Matt se metamorfoseia no Demolidor, no vigilante silencioso da Cozinha do Inferno. Andando em fios de alta tensão, equilibrando-se sobre a eletricidade aos seus pés. A cidade faz parte deste bailado que acontece graças a edifícios e arranha-céus. Demolidor é figura e fundo nesta cidade. Um dançarino que depende das superfícies longelíneas dos prédios para apresentar seu espetáculo de acrobacias aéreas.

Matt dissimula. Rouba a compaixão daqueles que enxergam e desperta nos que vêm, o sentimento recorrente de ingenuidade, pureza, passividade. Um disfarce necessário na estética do sobrevivente. Wilson Fisk, ao descobrir que Matt é o Demolidor, acredita que o herói finge a cegueira na vida civil. O Rei do Crime, após aniquilar a vida burguesa de Matt, deleita-se em pensamentos sobre o herói:

"Seus talentos seriam valiosos... e sua honra, um resíduo inútil. Seus talentos. Sim. Qualquer homem dedicado a ponto de fingir cegueira no seu dia a dia certamente desenvolveu uma gama de métodos e técnicas de grande valor em meus empreendimentos"<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Mazzucchelli & Miller, 1999, p.24.

Matt precisa dissimular. Não pode revelar a dádiva que seu dom propiciou. Este é seu segredo de sobrevivência: ser cego e enxergar com todos os sentidos, ler o mundo com os dedos, com seu paladar apurado, com ouvidos aguçados, com seu olfato privilegiado, um radar fantástico; emaranhado de sensações que Matt presencia em seu corpo de sentidos.

O corpo do herói é aquele que persiste, continua, após os muitos combates. Corpo da não rendição, do não arquear os joelhos frente ao inimigo.

No filme *RAN*, de Akira Kurosawa, temos uma interessante fala do personagem Hidetora Ichimonji narrando sua ascensão a chefe do clã.

"Eu, Hidetora Ichimonji, nasci num fortim além do monte. A planície era palco de guerras sem fim entre todos os clãs. Com dezessete anos tornei-me senhor daquele fortim. Durante 50 anos lutei por essa planície e fiz tremular nossas cores na torre do castelo" <sup>14</sup>.

O corpo de Hidetora é o do guerreiro, do vencedor, do sobrevivente, e poderia ser tanto vilão como herói. Corpo longevo, que em batalhas realizou façanhas e estabeleceu-se perante os inimigos.

Matt, por outro lado, não é o herói de feitos grandiosos, ou pelo menos, não possui, como Hidetora, a proeminência de um monarca. Sua luta é individual, sem comandados. Ao invés da espada, o bastão; bastão como permanência da espada. Arma menos letal numa sociedade em que matar constitui-se crime. No lugar da armadura, o uniforme colante cobrindo corpo nu ornado de músculos; permanência da roupa de cavaleiro em ambiente de arranha-céus no qual a ampla mobilidade é imprescindível.

Matt, quando Demolidor, é o herói noturno, não só por sua condição de trevas, mas porque no correr do dia, é advogado, civil. À noite, quando a escuridão é banhada em discreta luz lunar, confronta a ogiva negra do inimigo, o Mal que domina a cidade. Seus dons são sentidos ampliados e um radar biológico que "enxerga" no lugar de seus olhos cegos. Suas habilidades: acrobacias e destreza marcial. Predador noctívago desafiando a gravidade em saltos pelos prédios. Corpo educado em arcano, nas sombras, nos espaços

---

<sup>14</sup> Kurosawa, *RAN*, 1985.

descongestionados das construções da metrópole, trapézios de metal e tijolos, no alto, sempre. Nos vidros, desliza com elegância, brinca com a lufada de vento que lambe seus sentidos; vigor do herói acrobata que roça os pés no limiar dos edifícios e se arremessa ao ar como se fosse um morcego. Luxúria plástica que o corpo desenha decependo as estrelas.

Como a maioria dos heróis de HQs, Matt possui em seu corpo a métrica da ciência. Músculos firmes, beleza escultural. Nenhum excesso, apenas limpeza e eugenia. Corpo construído no fracionamento muscular de atividades específicas, segmentação física trabalhada em exercícios, um "esquartejamento" técnico visando a performance motora. Mas os movimentos de Matt são "sujos", flexibilidade do guerreiro, amplitude do combate sem métrica coreografada. Corpo que esconde as marcas das surras, das balas, da lâmina. As cicatrizes de Matt estão distantes dos olhos do leitor, memórias do herói, cartografia da dor. Não é invulnerável ou inabalável. O inexorável está em sua capacidade de continuar lutando, cortejando o perigo, protelando o dia da própria morte. Pacto com a morte garantindo não se entregar.

Matt também não é o herói infalível. Ele não chega sempre a tempo de salvar a vítima. Às vezes precisa da ajuda de outros para sobreviver. Sua coragem é sobre-humana, coragem dos heróis; mesmo sabendo que o presságio da sua existência provavelmente será as mãos do inimigo empunhando armas que lacerem sua carne cravejando-o de projéteis. Difícil acreditar em uma morte tranqüila, um ataque cardíaco, um corpo no hospital cansado da velhice; o corpo geralmente se consome no auge das forças. Difícil sina do herói. Talvez por isso os heróis de HQs sejam sempre tão joviais, mesmo os cinquentões, em seus corpos atléticos de uma crueza invejável. Uma cronologia generosa em que anos de edição são apenas meses na vida do herói. E quando o coitado já está ficando velho, arranjam-lhe uma máquina do tempo, uma técnica criogênica de ponta, um universo paralelo, uma poção mágica, um Ser que tem a chave da juventude frente o cataclismo eminente. As fórmulas de se enganar a morte, ganhando uns anos a menos são das mais criativas e caridosas. Mas é claro que o verdadeiro elixir destes heróis é a necessidade de mercado, a poderosa lei do consumo; e aí entra a sagacidade do roteirista e desenhista, veneráveis arquitetos da vida após o lucro. Construtores de saídas impossíveis para a virilidade sem introjeção de hormônios no herói. Sem perder a magia, saiamos do mercado e voltemos à fantasia, ao corpo do herói.

Todo herói possui um dom distintivo, uma qualidade supra-humana que o distingue dos outros homens. Também necessita resgatar a conexão com os seus instintos, o infra-humano, para que o combate contra o algoz seja implacável. Supra-humano e infra-humano devem convergir ao mesmo objetivo, dons e instintos, aquilo que faz o herói ser mais dotado que os outros homens, aquilo que faz do herói o mais primitivo dos homens. Esse é o esforço necessário para a sobrevivência. Mas, se coexistem dons e instintos, onde está o espaço para a consciência de seus atos? Eis o outro desafio, reconciliar-se com a civilização, educar o corpo para a contenção da violência extrema, e nessa tensão de instintos e civilização, o herói se constrói em figura modelar. Seus instintos devem garantir a defesa e o ataque, o momento certo do caçador emboscar o inimigo, ou quando espreitado, fugir de maneira espetacular e transformar a derrota eminente em vitória. Os dons são as habilidades que, bem combinadas à inteligência e astúcia, tornam-se as armas do herói, e a civilização controla o herói para que o mesmo continue exercendo sua tarefa exemplar dentro de uma ética social. O combate, o treinamento, a ética social, a arte guerreira, inscrevem suas palavras nos relevos do corpo heróico. Também há a máscara, segunda pele no corpo do herói. Nesse ponto gostaria de me ater não só à importância simbólica da máscara (ou uniforme), mas também aos poderes que ela dá a quem a usa.

A máscara de Matt é intrigante figura de um demônio. Dado curioso, pois Matt luta contra os aliados das trevas. Seria ele cordeiro em pele de lobo? Bem, talvez cordeiro não seja o mais apropriado, mas a verdade é que Matt se apropria da imagem dantesca escarnecendo do maligno em uma persona que lhe é característica. Como espião nas trevas, estando o próprio em trevas, domina os meandros da escuridão.

Interessante pensar na máscara como indica Canetti, na qualidade de produto material e externo a quem veste, mas que, na frequência em que é usado, o herói penetra na figura da máscara ao longo da representação. Neste estado, a máscara vai se transformando na alma do herói, ou alter-ego, pensando na máscara como a outra face do civil. E neste sentido, poderíamos dizer que a máscara é a primeira proteção do herói, arma de defesa e ataque, pois a máscara dissemina o medo que não é próprio de quem a usa; território semântico da máscara. E essa magia da máscara tem como principal marca a propagação do terror, sendo ela o signo vibrátil da extensão das capacidades combativas do guerreiro.

Como civil, o herói não desperta crédito, ou antes, torna-se mais inofensivo. A cada luta conquistada, a máscara torna-se mais pesada e também mais poderosa. A máscara descola Matt de seu mundo profano e o conecta com o Demolidor no universo sagrado dos heróis. Ela deve proteger o civil que a incorpora, pois só assim o herói estará protegido no seu exercício de justiça. Foi exatamente neste nódulo que o Rei derrubou Matt, na sua fragilidade civil. A máscara foi retirada, o abrigo do herói descoberto; a perplexidade que a máscara possui foi descarnada em pele civil. O cuidado do inimigo se transformou em afronta.

O título em português "A Queda de Murdock" é coerente, pois é só Matt quem sofre a queda. Matt é e não é o Demolidor. A máscara, com suas "propriedades de proteção", distingue Matt do Demolidor, e nos mostra na saga que o Demolidor jamais participou da queda, mais foi Matt, o civil, quem caiu. O homem de uniforme não é Matt, ou antes, não é apenas ele. Os elementos (simbólicos, místicos, primevos...) que se incorporam junto a máscara transformam Matt no super-herói da Cozinha do Inferno. O Demolidor salva Matt ao final da saga, pois luta com os asseclas do Rei e os vence. Nesta saga, o Demolidor não enfrenta o Rei pessoalmente; as surras, a insanidade, a dor, são todas de Matt. O Demolidor é a mão de carrasco que faz justiça a Matt Murdock.

Na corrupção, reside Wilson Fisk, o Rei do Crime. Ele foi o arquiteto da derrocada do herói. Seus planos levaram meses e constituíram os elementos de um banquete no qual a ruína de Matt era prato agradável ao paladar. Para seu deleite, Wilson Fisk vai, nas sombras, destruindo a vida civil do herói. Instiga-lhe o desejo em levar o herói à loucura, tecendo uma fina e resistente teia na qual Matt se debata em agonia sem conhecer o inimigo a devorá-lo vivo. Canetti comenta este estágio de espreita, de ocultamento, como preparação para o êxito, em que a "paciência deve crescer até o infinito"<sup>15</sup>. O projeto do Rei é posto em andamento; acusações são forjadas, contas são bloqueadas... Matt vai perdendo o sucesso, o prestígio, o emprego, o dinheiro. Seu nome circula nos tribunais como acusado de perjúrio e suborno. Os pequenos confortos da vida urbana, como linha de telefone e luz elétrica, são cortados. Por fim, a perda da licença para advogar. O Rei conquista sua glória

---

<sup>15</sup> Canetti, 1995, p.290.

suprema ao "quebrar a resistência do inimigo sem lutar"<sup>16</sup>. Nas palavras do próprio Rei, ele quer levar Matt à condição de sobrevivente.

"Murdock depara-se com a pobreza e a humilhação. Será ameaçado por declarações de renda forjadas, privado do próprio lar. A sobrevivência há de se tornar sua única preocupação. Talvez eu o contrate... o que restar dele... depois que ele aprender o quanto é impotente"<sup>17</sup>.

No entanto, o vilão erra por prepotência. A invulnerabilidade do Rei residia em sua aura de fantasma, em fazer-se oculto, desconhecido. Mas sua insaciável gula por crueldade anseia em colocar seu corpo gordo e ágil em confronto físico com os restos do herói. Para isso, deixa indícios a Matt, marcas a serem lidas por sua alma desmembrada. Wilson Fisk rubrica sua assinatura de gângster ao explodir a casa de Matt. O herói lê e entende o texto nos escombros. Em meio a fogo e fumaça, restos de uniforme sobrevivem. A máscara persiste. O Demolidor continua vivo, ereto, pronto para o embate. As virtudes e os vícios ficam mais visíveis a partir deste acontecimento.

Se observarmos estes personagens principais sem esperarmos deles uma eugenia moral representativa a cada papel, notaremos que vícios e virtudes podem ser absorvidos nas almas pendentes de ambos. O Rei poderia muito bem apresentar a virtude da coragem, por exemplo, se conseguíssemos imaginar que ele é algo mais que uma massa descomunal de força inumana, um ser abjeto constituído de crueldade e músculos. No entanto, é difícil olhar sua corpulência e acreditar que o medo e a busca em superá-lo esteve algum dia entre as suas necessidades. O Slogan: "Homem sem Medo" (Daredevil: the man without fear), que é dado ao Demolidor por Stan Lee e Bill Everett, criadores do personagem, poderia servir tranquilamente ao Rei do Crime. Porque Wilson Fisk precisaria de coragem se não sente medo? Ou será que o Rei, em algum momento, teme a Matt? O suor vertido durante seus treinamentos físicos, em que ele maquina contra Matt, seriam sinais deste medo expelido? Já a coragem de Matt é a coragem dos heróis, pois "não é a ausência do medo, é a

---

<sup>16</sup> Tzu, 1997, p.25.

<sup>17</sup> Mazzucchelli & Miller, 1999, p.24.

capacidade de superá-lo"<sup>18</sup>. Matt se depara com o perigo em seu limite de forças. O civil está arruinado, sem dinheiro, casa, bens. O ideal heróico burguês desmorona. Matt volta ao status miserável de morador da Cozinha do Inferno. Wilson Fisk devolve Matt à condição semelhante que o transformou e deu origem ao Demolidor. Nisso o Rei contribui, sem perceber, no despertar do Demolidor. Mas antes do reaparecimento do super-herói nesta saga, Matt tem vários problemas a enfrentar.

Seu grande ato de coragem está em suportar o sofrimento presente. O horror que se prolonga no momento. A fala do próprio Matt apresenta-nos sua condição:

"Agora eu sou só um cego... um cego que perdeu o emprego, o sustento, o lar, a namorada... a quem o destino deu o Dom de ouvir e cheirar e tatear melhor do que ninguém... o que me permite apreciar melhor o horror de estar vivo"<sup>19</sup>.

Sem recursos financeiros e abrigo, só lhe resta seus punhos, armas de vingança contra aquele que arruinou sua vida enchendo os escombros da sua casa de escárnio. No encontro com o Rei, costelas quebradas e o corpo jogado nas águas do rio. Esse era o desejo soberbo de Wilson Fisk, a aniquilação física de Matt, plano que naufragou na força de vontade de Matt em sobreviver. Matt escapa do tragar das águas turvas para dormir em um beco cheio de mendigos. Neste mesmo momento o vilão, em sua jornada de terror, está no ápice de sua ascensão; apagando o seu nome do crime organizado, ele se encontra no topo de seu edifício, atrás de vidros translúcidos, em sua propriedade privada. Já Matt, se encontra nos espaços públicos em que habitam a escória econômica.

Se pensarmos na ação de Matt, faltou-lhe prudência no agir. E o que seria a prudência? Nas palavras de Yates, "Prudência é o conhecimento daquilo que é bom, daquilo que é ruim e daquilo que não é bom nem ruim"<sup>20</sup>.

Insano, em alucinações, Matt não suportou a ação do impulso, não calculou a possibilidade de vitória do algoz. Ele foi, durante a queda, corajosamente imprudente. "A prudência não é o medo nem a covardia. Sem coragem, ela seria apenas pusilânime, assim

---

<sup>18</sup> Comte-Sponville, 1999, p. 57.

<sup>19</sup> Mazzucchelli & Miller, 1999, p.32.

<sup>20</sup> Yates Apud Almeida, 1999, p. 47.

como a coragem, sem ela, seria apenas temeridade e loucura"<sup>21</sup>. Loucura do nosso herói! Prudência recobrada na ressurreição do herói.

No beco, Matt começa a recuperar a lucidez, reminiscências aglutinadas sobre quem ele é. Os acontecimentos fazem sentido, ele deve voltar ao útero, à Cozinha do Inferno. Durante a via cruxis, é atropelado e esfaqueado; ao encontrar o ginásio, o reencontro com aquilo que é, herança do pai, o lutador. No saco de pancadas, ao desferir golpes inúteis, cai à lona. Uma mulher com uma cruz pendulante se aproxima do corpo estendido no chão. Dá-se início à ressurreição.

---

<sup>21</sup> Comte-Sponville, 1999, p. 41.

## O quão sacro pode ser um herói mundano?

Na saga "A Queda de Murdock", Matt se reencontra com a mulher misteriosa que povoou sua imaginação adolescente. Aquela que estava ao seu lado no hospital, logo após o acidente que o deixara cego. Pessoa que o ajudou a perceber seus novos dons, os sentidos ampliados; a mulher que estava com Matt no início da sua jornada heróica, arauto anunciando os poderes do herói.

No porão de uma igreja, em um leito de albergue, Matt é acolhido por uma missão de freiras. Em seu corpo hemorrágico, em meio a tremores de frio causados pelas chagas do espancamento e pela pneumonia convidada no relento do beco, Matt se encontra com a voz que lhe trouxe alento, com a cruz pendurada no pescoço de quem lhe beijou com boca terna.

"Quando eu obtive meus poderes, passei por uma noite de extrema agonia. Meus sentidos estavam loucos. Tudo me doía. Cada som e odor. Uma mulher me trouxe palavras de esperança. Ela jamais me disse quem era. Usava uma cruz de ouro. Eu a toquei. Meus dedos jamais se esqueceram. É esta cruz. Esta cruz"<sup>22</sup>.

A mulher se chama Maggie, a freira que está com ele quando a febre ataca, que ora em seu favor rogando por misericórdia divina. E os mesmos sentidos que lhe apresentaram o terror de estar vivo, são os que agora, depois de atendidas as preces, lhe revelam a identidade da freira. O tatear da cruz, o cheiro de Maggie parecido com o seu, uma pergunta indiscreta: "Maggie... você é minha mãe?" Resposta negativa esvaziada na tensão dos batimentos cardíacos da mulher. Na leitura destes batimentos Matt sabe, a freira está mentindo.

Maggie é a redentora e intercessora do filho durante sua queda; virgem maculada que transgrediu os votos do sacerdócio para dar origem ao messias da Cozinha do Inferno. O acontecimento não é explícito, mas Maggie, a freira, mãe do herói, relacionou-se com

---

<sup>22</sup> Mazzucchelli & Miller, 1999, p. 87.

Jack Murdock, pai do herói, e provavelmente abandonou-o durante a plena execução do sacerdócio. O pai de Matt nunca tocou no assunto da mãe; o motivo do constrangimento talvez seja esse. A infração gerou o salvador mundano vestido de demônio, nascido na Cozinha do Inferno. Ele enxerga a verdade e sua visão não é alcançada pelo pecado. É preciso ser cego para não ser consumado em condenação. Espião da noite travestido em criatura das trevas, farsante e sagaz enganador dos agentes do maligno. Satanás às avessas, pois engana o mal. Sua pele de lobo, máscara de anjo decaído, esconde a astúcia de um anjo mundano das sombras. E é exatamente nas sombras que Matt encontra seu refúgio na recuperação da luta com o dragão; nos becos, no porão da igreja, na Cozinha do Inferno, Matt se esconde de Wilson Fisk para sua "ressurreição".

Matt transverbera-se em ações heróicas. E no sacrifício dos seus atos, Matt acaba vivendo na "Queda de Murdock" seu apocalipse particular, sua descida ao Hades: "(...) tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego, nu"<sup>23</sup>. Na Cozinha do Inferno, a virgem maculada lhe espera. Seus braços abertos à salvação física do filho; a moral do herói permanece intacta na persistência, ele não se entrega ao mal, à corrupção da alma, a putrefação do corpo. Sua ligação materna com o divino é a chave de sua recuperação. As preces da genitora ao Altíssimo são atendidas, a força de vontade do herói é posta em conta. Matt tem o corpo e a sanidade restauradas; ressuscita para uma nova condição: ele é "O Sobrevivente". Forças e ânimos restaurados. Sua "santidade" o salvou da morte do corpo. Mas não nos esqueçamos, o santo aqui é católico! Santo com mãe intercessora. Aliás, Miller é todo católico em "A Queda". Urgência demasiadamente lúcida em prostrar de símbolos católicos os quadrinhos que são como vitrais. A catedral de Miller é a própria história de "A Queda", possível conexão com heróis de cavalaria, como veremos mais adiante. E a mitologia de Matt ajuda na edificação sacra sobre as pontas soltas da sua história - a máscara, o mistério materno, o nome do bairro em que foi crescendo - elementos do relicário que é o próprio Matt.

Matt não enfrenta a morte pelos do mundo, mas por si mesmo... porque não teve escolha. Herói nascido na transgressão do voto sacerdotal da mãe. Pecador por ser humano, formado na relação ilícita de um lutador e uma freira, o guerreiro e a santa. Pecador nascido em pecado. Não é ingênua a correnteza da trama em "A Queda" na qual todos desfrutam

---

<sup>23</sup> Bíblia de Estudo de Genebra, 1999, p. 1.532 (Apocalipse 3:17).

dos seus momentos de culpa. Todos na trama são pecadores no qual o protagonista é ontologicamente o maior deles. E aí reside a grandeza de Matt, sua virtuosidade. Matt é herói não só por obstinação e dons, mas porque ascendeu de sua condição social de pobreza, por escapar das estimativas de classe média na qual civis de vida miserável serão futuros marginais. Estigma que nivela a moral como consequência do poder aquisitivo. Moral burguesa em que as virtudes tentam ser aprisionadas na relação custo-benefício.

Matt é filho da escassez, um sobrevivente. Mesmo assim por esforço próprio, estudou na Universidade de Colúmbia, destacou-se nos estudos, se formou com louvor em Direito, exerce sua profissão com sucesso, escapou da sina civil de pobreza. Herói burguês por ser promovido de classe. Mito burguês do homem que se faz sozinho. A erudição e o dinheiro são armas deste tipo de herói civil (mais o dinheiro que as letras). Mas Matt também é o herói das tradições humanas, atávico, pois possui em si as virtudes cardeais encarnadas. Ele é geralmente justo, corajoso, prudente... Como civil, é herói burguês, como Demolidor, herói convencional. Advogado e super-herói: agentes da justiça. Todos eles cegos em irônica simetria.

## A Catedral de Miller

Dizia eu que os quadrinhos de Miller são como vitrais. Entremos pois na catedral de Miller em "A Queda de Murdock". Mas antes, peço-lhes espaço para uma observação. Embora a obra "A Queda" seja de Miller e Mazzucchelli, atribuí os louros principais a Miller, por ser ele, em seus trabalhos anteriores com o Demolidor, o introdutor da mitologia católica na constituição do personagem. Por isso "A Catedral de Miller", sendo ele o arquiteto principal dos vitrais de papel.

Os quadrinhos e vitrais nos instigam a seguir a cronologia em suas seqüências de cenas. E a cada corte, de um quadro a outro, apontam para uma cronologia de acontecimentos a seguir. Nos quadrinhos, o corte de cena é suave, mostrando uma ação que geralmente se passa segundos após o quadro anterior. Nos vitrais, o corte no tempo é mais brusco, em que a lâmina da história se prende a cenas nucleares, episódios basilares de uma narrativa sagrada da qual o fiel possui certa familiaridade por sua educação visual. A luz também lhes é diferente, pois a luz dos quadrinhos brota do próprio papel, luz do pincel (ou mouse) vaidoso do artista. Já a luz dos vitrais não é deles, antes, é a luz nos vitrais, pois lhe é externa, diurna enquanto dura o dia, noturna, quando a lua ou as lâmpadas são generosas.

Retomando, disse eu que a catedral de Miller abriga vitrais de papel. Catedral impressa reverenciando Gutenberg. Catedral inspirada por "arquitetos" que também contaram suas histórias em arte seqüencial. E o que me interessa nestes vitrais é a arte seqüencial e o que a faz mágica.

Nos vitrais de Miller, acontecimentos são emoldurados sustentando a cena de um momento modelar fantástico. As linhas que delimitam a cena dão contenção à ação e no segmento de vários quadros, tem-se a noção de tempo decorrido. Nos quadros, em gestos suspensos, paralisados no espaço, a ação da história se desenrola na imaginação de quem vê as imagens seqüenciais. O espectador-leitor movimenta os personagens e/ou cenas na contigüidade dos quadros, nos espaços vazios entre eles. Silêncio preenchido na projeção da expectativa de cada espectador sobre as imagens vistas-imaginadas. As linhas que delimitam a cena, vazio visual. Aí reside a magia das artes seqüenciais. É no hiato entre os quadros que os significados aglutinam-se e são costurados. Intervalo visual conhecido nos

quadrinhos como sarjeta. Bruma responsável pela inteligibilidade dos quadrinhos. Leiamos o que Milton José Almeida nos diz sobre este momento de intervalo:

"É entre os quadros, no silêncio visual da passagem de um para outro, no que não se vê, que acontece a significação do que é visto"<sup>24</sup>.

Não nos esqueçamos, contudo, que os quadrinhos têm palavras. Diálogos ou pensamentos explícitos ao espectador-leitor, que olhando os quadrinhos, verá palavras e desenhos como sua forma de linguagem. Recorramos a Will Eisner para falar sobre a combinação de elementos na formação da narrativa visual:

"A representação dos elementos dentro dos quadrinhos, a disposição das imagens dentro deles e a sua relação e associação com outras imagens da seqüência, são a gramática básica a partir da qual se constrói a narrativa"<sup>25</sup>.

Nisto, é interessante lembrar, que cada quadro ocupa um lugar no espaço, demarcando a duração de cada ação ou evento. O tempo da narrativa é condensado pela quantidade de quadros, sendo que de forma justaposta, o tempo é indicado.

Pois bem, já olhamos os vitrais de Miller e compreendemos sua sintaxe. Caminhemos então para o confessionário. Local de onde podemos contemplar a educação visual da ideologia norte-americana em "A Queda de Murdock", ou melhor, através de Miller. Catedral burguesa, pois a burguesia edifica templos em adoração à iniciativa individual, propriedade privada e mobilidade social; valores burgueses em prol do bem-estar social.

Para nossa precaução, no entanto, é justo defender que, longe de estigmatizar Miller, coloco-o como participante da ideologia norte-americana sem nenhum sentido pejorativo. Como norte-americano, Frank Miller traz na alma as marcas do capitalismo contemporâneo de seu país, sem que isso necessariamente o aliene.

---

<sup>24</sup> Almeida, 1999, p. 34.

<sup>25</sup> Eisner, 1995, p. 39.

O que não o isenta nem o culpa por nenhuma de suas opiniões na obra, mas a torna tão humana quanto às demais formas de expressão pela arte.

Na "Queda", Miller nos expõe a jogos ideológicos de culpa e justificação. Luzes que direcionam o leitor para dentro da democracia burguesa norte-americana. O "sonho" norte-americano é corporificado na figura do personagem Capitão América, que aparece ao final da trama. Herói quase mitológico criado durante a II Guerra para sintetizar a ideologia militarista norte-americana da época. Símbolo dos ideais de justiça, liberdade e igualdade, dos quais os norte-americanos se dizem protagonistas mundiais nesta luta. Sua arma é um escudo, alusão, talvez, que os USA só atacam em sinal de defesa. Como herói que age independente de instituição, governo ou povo, procura convencer-nos de seus valores universais, seduzir-nos em sua "livre iniciativa", educar-nos na ideologia liberal capitalista. O Capitão América é exibido como parte do "sonho" puro. O sonho americano verdadeiro. Ideal que Miller tenta buscar ao admitir a *mea culpa* no personagem oposto ao Capitão América: Bazuca.

Assim como o "Capitão", Bazuca também foi um soldado. Ambos foram parte do projeto Renascer, criado para construir um soro (talvez o primeiro anabolizante que se tem notícia na arte seqüencial) que aumentava a força e potencializava as habilidades dos soldados para a guerra. O soro, produzido para dar origem à uma raça de super-soldados com intuito de combater na II Guerra, teve sucesso em um único homem, Steve Rogers, o Capitão América. Bazuca foi um dos soldados testados com o soro, e teve, ao que tudo indica, alguns danos cerebrais. Bazuca combateu na guerra do Vietnã e após seu término foi utilizado pelo exército norte-americano em guerrilhas e assuntos particulares de comandantes do alto escalão. Viciado em anfetaminas, ele é o emblema do estado vicioso em que se encontra o ideal ou "sonho" norte-americano. Cada cápsula da droga, não por acaso, possui uma das cores da bandeira norte-americana. Nos momentos de pacificação do seu estado de guerreiro, dá-se ao soldado as pílulas brancas e azuis, a paz e a liberdade via oral para apaziguar humores mais exaltados. No momento da ação bélica, Bazuca engole a cápsula vermelha, sorvendo o sangue dos heróis da nação americana, como que adquirindo simbolicamente (e quimicamente), os poderes dos soldados que morreram pelo país.

Durante a trama de "A Queda", O Rei do Crime, consegue recrutar e convencer Bazuca a trabalhar para ele atacando a Cozinha do Inferno, o lar de Matt. O soldado, que

possui a bandeira norte-americana tatuada no rosto, ataca a Cozinha do Inferno e é atacado por Matt, agora, em máscara de Demolidor. O herói vence a batalha e Bazuca é preso por um grupo de heróis. Capitão América está entre eles. O confronto de Bazuca e Capitão América é inevitável. O vício e a virtude da sociedade capitalista degladiam-se em depuração ideológica. Ao morrer no final da história, assassinado por soldados do exército americano, Bazuca é o personagem usado por Miller para representar o manipulado, o viciado, o que faz o mal por demência e não por crueldade. Uma *mea culpa* apostando na insanidade mental (ou no discurso da boa intenção) nas atrocidades feitas pela Bomba Atômica no Japão e pelos Napalms no Vietnã. É interessante notar que a loucura, a demência, em "A Queda" é apresentada como um importante elemento de manobra utilizado pelo Estado e Crime Organizado. Quando o Rei e o exército dos USA usam seus "loucos particulares" na prática de crimes, fica mais fácil se esconder evidências, apagar as pistas, pois os loucos, com suas fixações em detalhes, podem ser facilmente manipulados e ao mesmo tempo, caso capturados, não possuem testemunho de denúncia confiável que incrimine os articuladores do plano.

Sobre o extermínio em Hiroshima e Nagasaki, Frank Miller opina através do Capitão América que a Bomba Atômica foi inevitável, um mal necessário:

"Se tivesse sido diferente, ele pensa. Se ao menos o soro e a mente que guardava a fórmula não tivessem sido destruídos... nós teríamos vencido a guerra de maneira limpa... não com milhões de inocentes chacinados pelo fogo atômico" <sup>26</sup>.

Miller se utiliza destes dois personagens para explicitar o seu Sonho. O sonho frente o país que gostaria de ter. Miller nos apresenta sua catedral burguesa com suas histórias em vitrais. Quase uma fábula em que uma das conclusões possíveis é a de que o sonho burguês norte-americano é bom e puro a todas às pessoas do mundo, mas que a sociedade norte-americana está ameaçada pelo crime organizado, pela violência e indiferença nas grandes cidades, pelas drogas, pela corrupção... Este foi o jogo de culpa e justificação de Frank Miller.

---

<sup>26</sup> Mazzucchelli & Miller, 1999, p.158.

Dizia eu, momentos atrás, que Miller é participante da ideologia burguesa norte-americana, sem sentidos depreciativos. Miller é passional, e afinal das contas, quem não é? Em uma sociedade burguesa emblemática como a norte-americana, o poder exercido por ela é resultado de erros e acertos, vícios e virtudes, porque é no conflito político que ideologias são criadas. Nenhuma ideologia permanece se o poder que exerce for apenas de opressão. E na experiência do confessionário, percebi que a burguesia continua contando sua história como se fosse a história do mundo. Na Catedral de Miller, o sonho norte-americano foi contado em vitrais na narrativa burguesa.

## De Heróis de Cavalaria

*"Tenho satisfeito agravos, castigado insolências, vencido gigantes e atropelado vampiros: sou enamorado, só porque é forçoso que o sejam os cavaleiros andantes, e, sendo-o, não pertenço ao número dos viciosos, mas sim ao dos platônicos e continentais"<sup>27</sup>.*

As palavras emprestadas de Dom Quixote expressam muito bem algumas características dos heróis de cavalaria; seus amores, virtudes e vilões. Embora a obra de Miguel de Cervantes seja uma sátira à literatura cavalheiresca, consegue apresentar-nos o ar da graça deste tipo de herói.

Olho "A Queda de Murdock" e vejo fragmentos dos contos de cavalaria; em Matt encontro simbiose do herói santo e guerreiro evocada nos contos arturianos; permanência de elementos que Miller nos dispõe em torvelinhos simbólicos, e que podem, se quisermos, remeter-nos às aventuras dos cavaleiros da Távola Redonda.

Para compreendermos esta aproximação é necessário pensar sobre quem são estes heróis lendários. São guerreiros de educação cortês, homens preparados para grandes batalhas, com suas espadas em punho, prontos para o combate. Homens que carregam um espírito solitário, mesmo desfrutando da presença dos amigos. As maiores lutas devem ser travadas sozinho, com o brandir da pesada espada com sua lâmina fatal. É evidente que a pompa que possuem é maior do que a de Matt, visto que as batalhas possuem uma aura que sempre guardará um final glorioso ao herói, seja de vida ou de morte.

Leiamos o que Hilário Franco Junior diz sobre estes heróis:

"Tal herói antes de tudo era cristão, diferenciando-se dos heróis pagãos pela crença e pelo respeito às idéias centrais do cristianismo, a serviço do qual se colocava. Ele era leigo, não se

---

<sup>27</sup> Cervantes, 2002, p. 492.

confundia com os muitos monges e bispos que faziam da santidade clerical o modelo básico do heroísmo cristão"<sup>28</sup>.

Embora Matt não seja um defensor ferrenho das idéias centrais do cristianismo católico como o são os heróis de cavalaria, ambos são heróis leigos de tradição cristã. Ainda mais Matt que possui em seus genes o legado do guerreiro (Pai) e da Santa (Mãe).

Dentre os inimigos dos heróis de cavalaria, outra aproximação; o guerreiro possui na figura do gigante, um vilão monstruoso. Cervantes, em atitude cômica, transformou na imaginação alucinada de Dom Quixote, moinhos de vento em gigantes.

Nas lendas arturianas, gigantes saltam-nos aos olhos. Joseph Campbell apresenta-nos em "O poder do Mito", uma história de autor anônimo sobre Sir Gawain e o Cavaleiro Verde, personagens do ciclo arturiano:

"Certo dia, um gigante verde, montado num grande cavalo verde, adentrou a sala de refeições do rei Artur. "Desafio qualquer um aqui", ele gritou, "a erguer este machado de guerra, que eu carrego comigo, e cortar minha cabeça, e então, daqui a um ano, encontrar-se comigo na Capela Verde, quando então eu lhe cortarei a cabeça. O único cavaleiro, ali no momento, que teve coragem de aceitar o incongruente desafio foi Gawain. Ele levantou-se da mesa, o Cavaleiro Verde apeou do cavalo, entregou-lhe o machado, e estendeu o pescoço a Gawain, que de um só golpe lhe cortou a cabeça. O Cavaleiro Verde levantou-se, recolheu a cabeça, pegou o machado de volta, montou no cavalo e, ao partir, gritou para o espantado Gawain: Eu o verei daqui a um ano" <sup>29</sup>.

No decorrer da trama descrita, perceberemos que o Cavaleiro Verde, de proporções gigantescas, é um homem virtuoso. Mas a ideologia cortês parece apelar para os corpos de formas atípicas e atribuir-lhes impureza moral. Os gigantes quase sempre são malignos,

---

<sup>28</sup> Franco, 1993, p. 161.

<sup>29</sup> Campbell, 1949, p. 161-162.

assim como anões e seres disformes. Inimigos da uma eugenia física e moral do modelo cortês.

Matt, possuindo o seu gigante para duelar, trava com ele na "Queda de Murdock", sua luta física e espiritual. A obesidade marmórea de Wilson Fisk nos agride com a imponência de um Leviatã<sup>30</sup>. Matt trava com ele batalha de cavaleiro, e por ser mais virtuoso, o herói vence o gigante em sua identidade burguesa. Quanto aos amores, os contos de cavalaria são repletos de histórias de paixões impossíveis em que o cavaleiro pretende dedicar à sua dama, geralmente distante e idealizada, o gozo da vitória. Lancelot possui sua Guinevere; Dom Quixote, a ambicionada Dulcinéia del Toboso. Para Matt, Miller reserva Karen Page, a mulher que o traiu ao vender sua identidade, ex-atriz pornô e drogada que leva Matt às ruínas. Donzela de pouca beleza e recato; corpo vicioso de mulher. O "cavaleiro" Matt perdoa a amada salvando-a dos assassinos do Rei. Os dois erguem-se juntos de suas respectivas quedas. Sanidade e bondade restauradas pós-ressurreição nos braços da madre. Matt, o cavaleiro burguês, se ergue como sobrevivente.

Algumas diferenças é caro apontar. Matt é o cavaleiro de colante, roupa leve para facilitar os movimentos no combate; não o cavaleiro metálico equipado de espada, escudo, armadura e elmo. A cota de malha, que significa "muro e castelo contra os vícios"<sup>31</sup>, foi substituída pelo tecido fino colado em pele crua. No lugar de florestas, colinas e vales, o cenário das construções de concreto. Cavaleiro sem montaria, Matt não ataca os inimigos sobre um veloz corcel, mas "observando-os" do alto, joga-se no céu estrelado preenchido de breus.

Estes romances, que educavam e divertiam a classe cortês, nos instruem na coragem e fidelidade de seus personagens. As HQs, de certo modo, também nos ensinam, em imagens, as virtudes da sociedade burguesa. A moral do herói aparece; mas está embotada nos rumos da ideologia capitalista norte-americana. Matt é este misto de herói burguês e humano; amálgama possível para o herói constituído na ideologia de mercado.

---

<sup>30</sup> Monstro marinho referente à mitologia do Oriente Próximo e Médio que representava as forças do mal e do caos.

<sup>31</sup> Lúlio, 2000, p.98

## A Vilania do Gigante

*"O fascínio provocado pela visão de um monstro refere-se, em primeiro lugar, à superabundância de realidade que ele oferece ao olhar. Um monstro é sempre um excesso de presença"<sup>32</sup>.*

Wilson Fisk, o Rei do Crime, é o vilão em "A Queda de Murdock". Sua força é descomunal, assim como o seu tamanho. Um gigante perverso cuja corpulência condiz ao temor que desperta sua monstrosidade moral. Interessante notar que Wilson Fisk é o humano em proporções desumanas. Talvez, no passado, uma possível atração no circo de aberrações. Corpo que engana em sua obesidade rígida, sem flacidez. Uma obesidade ágil que só o corpo do monstro pode ter. Um corpo que parece enganar a lei da gravidade e contrariar o bom-senso por mover-se tão rápido, escondendo na carne uma natureza e habilidades que parecem não existir neste corpo: velocidade e destreza marcial. Já a força, ao vermos sua imagem, parece-nos patente. Ele agiganta-se nos quadrinhos em proporção aos outros personagens da história, sendo assombrosamente notado em cada página que aparece.

Durante a história, o vilão dá demonstração ao leitor-espectador de seus atributos físicos, levantando pesos colossais e espancando o herói da história. Uma exibição que nos convence das qualidades atléticas de seu corpo abissal. Espetáculo da crueldade tirânica do vilão.

Lembra-nos, às vezes, gigantes mitológicos como trolls e titãs, seres enormes em estatura e geralmente, em maldade. Seres periféricos vivendo nas margens do mundo. E nisso, Wilson Fisk, sem ser mitológico, se assemelha a estes monstros do imaginário que nascem às margens do mundo. Nasceu às margens, em estado de pobreza; assemelha-se também à Matt, pois ambos vieram das regiões periféricas. No capitalismo, os monstros se revelam principalmente na condição financeira, e têm, no poder venal, a pedra filosofal para transformá-los em seres "normais". Uma purificação onde ouro transforma o que

---

<sup>32</sup> Gil, 1994, p.79.

compra em ouro. Transformação do vil em nobre. Um ex-miserável que agora dirige seu próprio conversível não pode mais ser um monstro. Metamorfose impossível para seres mitológicos. O respeito social é inflado pela inflação venal. A monstrosidade capitalista não é física e sim venal.

A monstrosidade é impensável no burguês, ou antes, cai-se a névoa da hipocrisia aos olhos e a monstrosidade sofre a transubstanciação de aberração para afortunado. E se para o burguês, ser ou não ser monstro depende do poder venal que se tem, então todos somos monstros usando máscaras de venturosos. Todos sujeitos a voltar às margens se a falência financeira abater nossa bem-aventurança. Foi desta condição monstruosa que Matt e o Rei escaparam, tendo ascendido como civis, no universo burguês. Neste ponto torna-se importante a distinção, Matt é o civil que venceu sua condição desfavorável pela resistência em não render-se, fugiu escalando o fosso; já Wilson Fisk sujeitou-se ao mal que lhe abatia, abraçando o Mal em um pacto criminoso, cavou mais fundo escapando pelo lado de baixo. Este ponto determinou as escolhas pelo Céu e Inferno. Wilson Fisk tornou-se o Rei do Crime; um gigante, monstruoso, não no sentido burguês, mas pelo físico e moral. Monstrosidade física e moral que também pode ser polvilhada com dinheiro farto. O corpo pode ser esculpido em cirurgias, a moral disfarçada, ao manipular a opinião pública.

Subornando, matando, chantageando, Wilson Fisk utiliza-se dos instrumentos do crime para apagar os rastros que o próprio crime cravejou em sua imagem pública. Para isso o dinheiro e a discricção são as armas na limpeza da sua imagem à sociedade burguesa. Quanto ao corpo monstruoso, o gigante não ambiciona mudanças. Sua enormidade é interessante para provocar temor no submundo. É salutar sentir-se poderoso não só pelo império que possui, mas por um corpo preparado para enfrentar os inimigos.

Na saga "A Queda de Murdock", temos mais figuras monstruosas, como a da enfermeira Lois, uma mulher grande e forte a serviço do Rei; e o soldado Bazuca, um agente criado pelo exército americano para realizar guerrilhas em países que os USA tenham interesses políticos e econômicos.

Em uma obra com vilões humanos de características colossais, creio poder enxergar um depoimento bíblico que bem se encaixa:

"Também vimos ali gigantes, e éramos, aos nossos próprios olhos, como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos"<sup>33</sup>.

Monstros morais e físicos que apresentam-se na narrativa burguesa de Miller.

---

<sup>33</sup> Bíblia de Estudo de Genebra, 1999, p. 175 (Números 13:33).

## As Faces da Justiça

A justiça e suas faces na "Queda de Murdock"; pela história passam-se poderes de justiça. O maior agente destes poderes é Miller, autor que rege a saga de forma soberana. Na obra, ele interfere no destino pictórico dos personagens realizando sua perfeição de justiça.

Os heróis de HQs geralmente são poderes em socorro da justiça oficial quando esta demonstra-se incapaz de solucionar os problemas a ela conferidos. As leis no universo das HQs, sendo mais complacentes, aceitam muito bem os vigilantes quando estes lutam preservando quase sempre a vida do inimigo. Algumas mortes são aceitáveis, parece-nos que as leis que regem a cidade das HQs levam em consideração as vicissitudes do combate ao crime, legitimando, sem regulamentar, a ação dos heróis como necessária. À Matt, como constituinte deste poder exercido pelos heróis, é permitido o uso da violência comedida. Ao espancar criminosos em defesa da própria vida ou de outrem, sua prática é vista aos olhos públicos como um bem social. A justiça oficial precisa do herói para a manutenção de seu status.

O outro agente do poder justiceiro é a imprensa, ou melhor, parte dela, representada em Ben Urich, que desempenha papel crucial na história. Ben Urich é o repórter amigo de Matt; um dos poucos que têm conhecimento da identidade do herói. Ao saber da acusação de Matt pelo poder público e por Nicholas Manolis, policial de bom caráter, Urich desconfia de uma urdidura para derrubar o herói. Por esse motivo é perseguido pelos capangas do Rei e pela enfermeira Lois que quebra alguns dedos de sua mão e quase mata sua esposa. Em busca da verdade, Urich sacrifica sua integridade física para preservar a moral; lição que educa na virtude da fidelidade e coragem, na procura da verdade como libertadora. Urich, ao descobrir a verdade, torna-se o próprio libertador da vida civil de Matt. É ele quem inocenta Matt aos olhos públicos, assim como o maior responsável por macular Wilson Fisk na opinião popular. O repórter, ao investigar suspeitas sobre a corrupção do policial Manolis, descobre nele a atitude de um pai desesperado; um homem que aceitou o dinheiro do Rei para pagar a cirurgia cardíaca do filho. Durante a operação o garoto morre; Manolis é atormentado pela dor da perda e na culpa em levantar falsas acusações. Sente-se prostituído ao vender-se por nada. Se o filho estivesse vivo talvez a

culpa se transformasse em alento. Durante a confissão a Urich, Manolis é espancado no estacionamento do hospital pela enfermeira monstruosa; o mesmo acontecimento resulta em dedos quebrados para Urich:

"Sr. Urich... a sua atitude está incomodando meu patrão. Assim sendo, recebi ordens para deixar clara a posição dele. Entenda o que vou dizer... se você fosse um editor, meu patrão destruiria sua gráfica. Uma vez que é apenas um datilógrafo e não seria persuasivo destruir sua máquina de escrever... ele me pediu que enfatizasse que toda vez que disser o nome Matthew Murdock, você perderá o uso de um dos seus dedos" <sup>34</sup>.

Inicialmente intimidado pelas ameaças do crime organizado, Ben Urich se cala; mas um acontecimento desencadeia sua coragem. Manolis, hospitalizado, liga para Urich no intuito de confidenciar os detalhes do suborno. A enfermeira Lois entra no quarto do hospital durante a conversa telefônica, retira o telefone das mãos do policial e coloca-o ao lado do leito para que Urich possa escutar Manolis ser estrangulado. O gorgolejar agonizante de Manolis coloca Urich em transe e depois, em postura de coragem. Urich se põe no encalço de informações para inocentar Matt e incriminar o Rei. O desfecho, já comentado, nos contorna do sentimento de impotência frente ao poder oficial quase todo corrompido, não só na figura de Manolis como também de juizes, policiais, políticos e generais, todos comprados ou chantageados por Wilson Fisk, o Rei do Crime. A ação dos heróis (Matt, Urich, Capitão América...), através da iniciativa individual, é a esperança aos olhos de Miller para garantir a efetividade na prática da justiça oficial e desta enquanto virtude.

A figura de justiça que Matt/Demolidor nos aponta é a da jovem de venda nos olhos segurando os pratos da equidade em balança etérea. Embora outras imagens de justiça permaneçam e muitas delas com os olhos bem abertos, não nos interessa aqui pensar na gênese iconográfica desta figura. Das representações sacras e laicas desta virtude, só nos interessa aquela a que Matt nos remete. Matt é a justiça cega da cidade.

---

<sup>34</sup> Mazzucchelli & Miller, 1999, p.70.

A mitologia do herói está fortemente atrelada a este signo, a esta virtude. Cabe a nós, entretanto, entender melhor o que é a justiça para podermos perceber o que Matt representa.

Antes é preciso notar que a justiça é a única virtude boa a *priori*, ou seja, ela é absolutamente boa e se assim não fosse, não seria mais justiça. Não existe justiça injusta. Não existe justiça maligna. A coragem em prol da justiça nunca será má. A prudência justa é necessariamente boa. Em simbiose com as outras virtudes cardeais (coragem, temperança, prudência), a justiça forma a argamassa que constitui a integridade dos heróis. As virtudes relacionam-se, e condicionam umas às outras. Combinação vivamente apresentada por Sponville quando trata da justiça: "O justo, sem a prudência, não saberia como combater a injustiça; mas, sem a coragem, não ousaria empenhar-se nesse combate"<sup>35</sup>.

Matt galanteia a jovem senhora cega segurando a balança e lhe pede a permissão ao sacerdócio. Seu dever, como o de todo justo, é lutar pela igualdade dos direitos, extirpação da opressão do mais forte.

Neste ponto torna-se inevitável a tensão entre lei e justiça. A justiça é uma virtude, a lei, a tentativa de assegurar que as relações humanas sejam justas. Se a lei é tentativa, não pode ser absoluta, portanto, passível de erro, e é justo acreditar que a lei pode cometer injustiças. Novamente recorro a Sponville que escreve sobre esta tensão entre lei e justiça, do ponto de vista moral: "Quando a lei é injusta, é justo combatê-la - e pode ser justo, às vezes, violá-la"<sup>36</sup>. Ao mesmo tempo, apresenta a relação ideal: "O desejável é, evidentemente, que leis e justiça caminhem no mesmo sentido, e é nisso que cada um, enquanto cidadão, tem a obrigação moral de se empenhar"<sup>37</sup>.

Ao sedimentarmos estes princípios de equidade, caminhemos em outra direção. Para a nossa intenção, basta entender os alicerces das virtudes da justiça, coragem e prudência, já tratadas em momento anterior. Perceber que são virtudes gravadas na alma do herói, inclusive na de Matt. Ênfase a questão porque na "Queda de Murdock", tirando a coragem, as demais virtudes cardeais aparecem tímidas no herói. Não por falha de caráter mas por seu estado e condição. Não existe pompa na sobrevivência pós-morte. Matt foi humilhado. Corpo transformado em dor. A sobrevivência traz gozo, mas a derrota física e

---

<sup>35</sup> Comte-Sponville, 1999, p. 57.

<sup>36</sup> Idem, p. 73.

<sup>37</sup> Idem, p. 74.

emocional do herói não permite a glória. O que lhe mantém de cabeça erguida é seu inabalável espírito de lutador. E no decorrer da saga, as coisas mudam pouco. Matt se recupera em sanidade, mas a vitória do herói continua sendo moral. Matt é o sobrevivente firme em seus propósitos, e estar vivo e resistindo é a maior afronta ao inimigo. Após descobrir a persistência em viver de Matt, o Rei faz uma porção de investidas contra a vida e reputação do herói. Assassinos são contratados, tramas são novamente tecidas. Mas agora é Matt que se encontra em anonimato. Seu paradeiro é secreto, o conhecimento de sua existência, fagulha de provocação. No decorrer da história os contratados do Rei vão sendo derrotados e por fim, a reputação civil de Wilson Fisk é manchada. É interessante notar como a arena dos guerreiros é o palco civil. O Rei arruinou a vida de Matt quando começou a incriminá-lo como cidadão. Ben Urich grifou aos olhos públicos o vínculo de Wilson Fisk ao crime organizado. Evidente que a vingança (ou seria apenas justiça?) não foi à altura. Aliás, do início ao fim da saga, a condição do sobrevivente persiste. Nada de revanches extraordinárias com direito a exibições de pugilismo entre os protagonistas Matt e Wilson Fisk. O Rei é vencido em uma batalha espiritual na qual Matt, encarnado pelo Demolidor, mostrou-se astuto ao revelar, juntamente com Ben Urich, o caráter vil do inimigo. O terreno burguês das aparências de Wilson Fisk foi soterrado. A lei que aqui aparece é alento do vilão, pois o Rei não é condenado, embora a opinião pública o execre. A lei, com a qual Matt trabalha, não encontra provas para incriminar Wilson Fisk. Miller nos incomoda com as falhas da justiça oficial. O combate entre o vilão e herói são travados quase que exclusivamente no plano civil, ponto mais frouxo para o ataque.

A derrota do Rei é narrada nas últimas páginas da saga de forma a elucidar ao leitor a espécie de derrota a que foi submetido:

"Poucas das acusações vingam. As que persistem são habilmente destinadas a anos de infundáveis litígios. Ainda assim, aos olhos de todos, exceto, por ora, da lei... ele é um vilão. Está proscrito... condenado pelos empresários que ainda recentemente o aclamavam. A lei. Pelo menos isso eu tirei dele. Murdock, ele pensa. E planeja." <sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Mazzucchelli & Miller, 1999, p.169.

Os alicerces de poder do Rei foram arranhados. Mesmo assim, Wilson Fisk acaba a saga sem perder o trono; sentado em sua cadeira de comando, em seu "trono", ele continua a distribuir ordens, apagar evidências... e planeja! A Besta não foi destruída! Matt a irritou, aprisionou em um frágil cárcere que sabe ser temporário. Enquanto isso o herói se recupera... assim como o vilão. O crime, o mal, continuam governando a cidade. O maligno é moto perpétuo e Matt se contenta, no momento, em ser só um obstáculo. Sua vitória, ser sobrevivente!

## Bibliografia

- (ANÔNIMO) **Sir Gawain e o Cavaleiro Verde**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- ALMEIDA, M.J. *A liturgia olímpica*. In: SOARES, C. (org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- ALMEIDA, M.J. **Cinema arte da cidade**. Revista Pro-posições, v.10, nº1, Campinas, 1999.
- ALMEIDA, M.J. **Cinema: arte da memória**. Campinas: Autores Associados, 1999.
- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas, vol. III**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. São Paulo: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- CAMPBELL, J. & MOYERS, B. **O Poder do Mito**. São Paulo: Associação Palas de Atenas, 1990.
- CAMPBELL, J. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento, 1949.
- CANETTI, E. **Massa e Poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CERVANTES, M. **Dom Quixote de La Mancha**. São Paulo: Nova Cultura, 2002.
- CLARK, A. & CLARK, L. **Comics, uma história ilustrada da BD**. Districultural, 1991.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- EISNER, W. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- EVERETT, B. & LEE, S. **A origem do Demolidor**. Superaventuras Marvel nº. 100. São Paulo: Ed. Abril, 1990.
- FRANCO JR., H. **A Eva barbada - Ensaio de mitologia medieval**. São Paulo: Edusp, 1996.
- FRANCO, M.S.C. "All the world was America": **John Locke, liberalismo e propriedade como conceito antropológico**. Revista da USP nº. 17. Mar-Mai, São Paulo, 1993.
- GIL, J. **Monstros**. Lisboa: Quetal Editora, 1994.
- LASCH, C. **O Mínimo EU: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

- LOEB, J. & SALE, T. **Demolidor Amarelo**. São Paulo: Panini, 2001.
- LÚLIO, R. **O Livro da Ordem de Cavalaria**. (Trad: Prof. Dr. Ricardo Costa) São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000.
- MAZZUCHELLI, D. & MILLER, F. **Demolidor: A Queda de Murdock**. Edição encadernada. São Paulo, Editora Abril, 1990.
- MAZZUCHELLI, D. & MILLER, F. **Demolidor: A Queda de Murdock**. Mini-série quinzenal em 4 edições. São Paulo: Editora Abril, 1999.
- McCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- MILLER, F. & ROMITA JR, J. **Demolidor: Homem sem medo**. Mini-série quinzenal em 5 edições. São Paulo, Editora Abril, 1994.
- MILLER, F. & VARLEY, L. **Elektra Vive**. São Paulo: Editora Abril, 1991.
- MILLER, F. **Os maiores clássicos do Demolidor - Vol 2**. São Paulo: Panini, 2003.
- MOYA, A. **História da história em quadrinhos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- MOYA, A. **Shazam!** . São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- OLIVEIRA JR, W.M. **Rio acima: percursos pelo filme Apocalipse Now**. Revista Educação e Sociedade n° 78. Ano XXIII, abril, Campinas, 2002.
- PASOLINI, P.P. **Os jovens infelizes**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- POE, E. A. **O homem da multidão**. Porto Alegre: Editora Paraula, 1993.
- SACKS, O. **Um antropólogo em Marte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SENNETT, R. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SEVCENKO, N. **Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe**. Revista Brasileira de História vol. 5 n° 8/ 9, set 1984/abr, São Paulo, 1985.
- SOARES, C. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 1998.
- TROYES, C. **Romances da Távola Redonda**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- TZU, S. **A arte da guerra**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

## **Filmografia**

COPPOLA, F. A., **APOCALIPSE NOW (idem)**. USA, 1979.

SHYAMALAN, M. N., **CORPO FECHADO (Unbreakable)**. USA, 2000.

KUROSAWA, A. **RAN (idem)**. JAP/FRA, 1985.